AS ESTRATÉGIAS METAFICCIONAIS NA ESCRITA AUTORREFLEXIVA DE AUTORIA FEMININA: ESTUDO DOS ROMANCES *UM SOPRO DE VIDA*, DE CLARICE LISPECTOR, E *A AUDÁCIA DESSA MULHER*, DE ANA MARIA MACHADO

Cauê Fernando Silva do Nascimento[1]

Glayciele Martins Soares Silva[2]

Maria Iranilde Almeida Costa Pinheiro[3]

INTRODUÇÃO

A literatura contemporânea tem apresentado, de maneira cada vez mais recorrente, narrativas que problematizam o próprio fazer literário, evidenciando os mecanismos de construção da ficção e questionando os limites entre realidade e representação. Nesse contexto, a metaficção destaca-se como um importante procedimento estético da narrativa pós-moderna, caracterizando-se pela autoconsciência do texto literário e pela capacidade de refletir sobre si mesmo enquanto ficção. Ao incorporar comentários acerca de sua própria estrutura narrativa, a metaficção rompe com a ilusão de transparência do texto e evidencia o caráter construído da linguagem literária.

Segundo Hutcheon (1984, p. 1), a metaficção pode ser compreendida como "ficção sobre ficção", isto é, uma narrativa que inclui em si mesma reflexões sobre sua própria identidade narrativa e linguística. Patrícia Waugh (1984) complementa essa perspectiva ao afirmar que a metaficção constitui uma escrita autorreflexiva capaz de questionar as relações entre ficção e realidade, ao mesmo tempo em que evidencia os processos de criação literária. Dessa forma, a narrativa metaficcional não apenas conta uma história, mas também expõe e problematiza os mecanismos envolvidos na produção dessa narrativa.

A partir da segunda metade do século XX, especialmente no âmbito da literatura contemporânea, a metaficção passou a ocupar lugar de destaque entre as discussões teóricas sobre o romance pós-moderno. Conforme destaca Faria (2012), esse tipo de narrativa passou a ser associado à ficção autorreflexiva, à narrativa narcisista e à escrita autoconsciente, características que contribuem para a desconstrução das formas narrativas tradicionais. Nesse sentido, a metaficção aproxima-se de procedimentos como a metalinguagem, a fragmentação narrativa, o espelhamento/*mise en abyme,* mecanismos que ampliam a complexidade estrutural do texto literário e exigem do leitor uma participação mais ativa no processo interpretativo.

Entre as escritoras brasileiras contemporâneas que recorrem a esses procedimentos metaficcionais, destacam -se Clarice Lispector e Ana Maria Machado, cujas obras apresentam narrativas marcadas pela autorreflexividade e pela problematização do processo criativo. Em *Um sopro de vida* (1978), Clarice Lispector constrói uma narrativa fragmentária e introspectiva em que um narrador - escritor cria a personagem Ângela Pralini, estabelecendo um constante jogo de reflexividade e duplicação identitária. A obra problematiza os limites entre criador e criatura, instaurando uma narrativa em que o próprio ato de escrever torna-se tema central da ficção. Já em *A audácia dessa mulher*, publicado em 1999, Ana Maria Machado desenvolve uma

1 Discente do Curso de Letras, Português e Espanhol da Universidade Estadual do Maranhão; Bolsista PIBIC/UEMA. Email: cauefs83@gmail.com

2 Discente em Letras Português e Inglês da Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista PIBIC/FAPEMA/UEMA Email: glaycielemartins@gmail.com

3 Doutora em Ciências da Literatura, Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão. Email: mariacosta2@professor.uema.br

narrativa marcada pelo diálogo intertextual, pela inserção de histórias dentro de histórias e pela constante reflexão acerca da própria literatura.

Diante disso, a presente pesquisa, intitulada "Estudo das estratégias metaficcionais nos romances *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector, e *A audácia dessa mulher*, de Ana Maria Machado" tem como objetivo investigar os procedimentos metaficcionais utilizados por Clarice Lispector e Ana Maria Machado em suas respectivas obras, a fim de compreender o modo que se problematizam, na escrita, o processo criativo e a condição ficcional da narrativa. O estudo busca compreender como as autoras constroem, em suas obras, uma narrativa que problematiza seu próprio fazer literário, promovendo um jogo de espelhamentos e desestabilizando a fronteira entre autor, narrador e personagem.

É importante ressaltar que este trabalho está inserido no projeto "A ficção no espelho: estudo das estratégias metaficcionais na escrita autorreflexiva de autoria Feminina", desenvolvido pela Profa. Dra. Maria Iranilde Almeida Costa Pinheiro, o qual investiga os procedimentos de metaficção a que um conjunto de escritoras recorreram para problematizar na escrita seus processos criativos e a condição ficcional dos seus produtos literários. A pesquisa dialoga com a teoria da metaficção de Hutcheon (1984) e Waugh (1984), além de considerar as contribuições de De Farias (2009), sobre metalinguagem, e Bernardo (2010) acerca do caráter especular da narrativa.

METODOLOGIA

A presente pesquisa deste trabalho, caracteriza-se como teórico-analítica, de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamentada nos pressupostos da Teoria Literária e voltada para a investigação das estratégias metaficcionais presentes nos romances *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector, e *A audácia dessa mulher*, de Ana Maria Machado. Conforme Gil (2022), a pesquisa bibliográfica possibilita o aprofundamento crítico acerca do objeto investigado a partir da análise de materiais já publicados, permitindo a articulação entre teoria e interpretação literária.

O estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa: "A ficção no espelho: estudo das estratégias metaficcionais na escrita autorreflexiva feminina de autoria feminina", orientado pela Profa. Dra. Maria Iranilde Almeida Costa Pinheiro, e teve como foco a análise de mecanismos metaficcionais utilizados pelas escritoras na construção de narrativas conscientes de sua própria condição ficcional.

Seguindo o cronograma do projeto de pesquisa, a primeira etapa consistiu na leitura das obras de análise *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector e *A audácia dessa mulher* de Ana Maria Machado. Em seguida, durante os dois primeiros meses, foi realizada uma revisão bibliográfica detalhada, com o intuito de estabelecer o caminho para a compressão da narrativa. Neste sentido, a orientadora Dra. Maria Iranilde Almeida Pinheiro disponibilizou diversos materiais teóricos, como O livro de metaficção (2010), de Gustavo Bernardo, E-dicionário de Termos Literários (2010), de Carlos Ceia (verbete *mise en abyme* de autoria Annabela Rita), A metaficção na obra A hora da estrela, de Clarice Lispector (2015), de Vanessa Rita Cruz e Flávio Pereira Camargo, Metalinguagem como repetição e diferença em Um sopro de vida, de Clarice Lispector (2019), de José Niraldo de Farias, e A metaficção revisitada: uma introdução (2012), de Zênia de Faria, entre outros. Esses estudos foram fundamentais para o desenvolvimento da análise, permitindo uma abordagem aprofundada sobre a metaficção e a metalinguagem na literatura contemporânea.

Além da leitura e pesquisa bibliográfica, foram realizados fichamentos de todos os textos estudados, com o objetivo de organizar os principais aspectos abordados e construir uma base teórica sólida para embasar a análise da obra. Desta maneira, expusemos as temáticas mais importantes, utilizando uma pesquisa analítica sobre a obra, no intuito de alcançar resultados, que foram desenvolvidos ao longo de 12 meses e finalizou com a participação em eventos científicos previstos, tais como o SEMIC 2025, e com a produção e publicação de artigo científico em periódico qualificado na área dos estudos literários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estratégias metaficcionais no romance *Um sopro de vida,* de Clarice Lispector

Publicado postumamente em 1978, *Um sopro de vida* é uma das obras mais complexas e introspectivas de Clarice Lispector. O romance, elaborado a partir de fragmentos, apresenta um diálogo entre um narrador denominado "Autor" e sua criação, Ângela Pralini. Esta estrutura reflete um dos principais temas da obra: a relação entre o criador e sua criatura, cujos papéis se confundem e se entrelaçam. O Autor concebe Ângela, mas, à medida que a narrativa se desenvolve, ela parece adquirir autonomia, desafiando seu criador e refletindo sobre sua própria existência.

A narrativa é dividida em quatro partes e não segue uma linearidade tradicional. Em vez de um enredo convencional, o romance desenvolve-se por meio de reflexões filosóficas, fragmentos de consciência e pensamentos descontínuos. Essa estrutura reforça a ideia de que a escrita, para Lispector, funciona como um espaço de investigação da subjetividade, da linguagem e da própria existência.

A pesquisa identificou diversas estratégias metaficcionais presentes em *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector, responsáveis por problematizar o próprio ato de escrever e questionar os limites entre autor, narrador, personagem e leitor. Entre as principais estratégias observadas estão a *mise en abyme* ou espelhamento, a autorreflexividade, a dobra de ficção, a autoconsciência diegética, o narrador-autor postulado, a fragmentação narrativa e a interpelação ao leitor.

A *mise en abyme* manifesta-se principalmente na relação entre o Autor e Ângela Pralini, construída como um jogo de espelhos em que criador e criatura se confundem constantemente. Em vários momentos, o Autor percebe em Ângela uma extensão de si mesmo, dissolvendo as fronteiras entre ficção e realidade. Esse efeito pode ser observado nos trechos: "Ângela não sabe que é personagem. Aliás, eu também talvez seja o personagem de mim mesmo" (Lispector, 2020, p. 30) e "Eu e Ângela somos o meu diálogo interior — eu converso comigo mesmo" (Lispector, 2020, p. 65). Assim, a narrativa evidencia uma duplicação identitária marcada pelo espelhamento entre as vozes.

A autorreflexividade aparece quando o romance se volta para sua própria construção narrativa e para o processo de escrita. O autor não apenas conta uma história, mas reflete continuamente sobre a literatura, a fragmentação e a circularidade da obra. Essa consciência narrativa pode ser percebida nos trechos: "Minha vida é composta de fragmentos e assim acontece com Ângela" (Lispector, 2020, p. 19) e "Já li este livro até o fim e acrescento alguma notícia neste começo" (Lispector, 2020, p. 20). Dessa forma, a obra assume explicitamente seu caráter fragmentário e inacabado.

A dobra de ficção também se destaca como uma importante estratégia metaficcional. O Autor cria Ângela para compreender a si mesmo, mas acaba sendo igualmente transformado por sua criação. A narrativa dobra-se sobre si mesma ao expor o próprio processo criativo, como se percebe nos fragmentos: "Será que criei Ângela para ter um diálogo comigo mesmo? Eu inventei Ângela porque preciso me inventar" (Lispector, 2020, p. 32) e "Ângela é a minha companheira única [...] Acontece porém que ela está ganhando força demais" (Lispector, 2020, p. 67). Assim, a ficção torna-se espaço de reflexão sobre a própria ficção.

Outra estratégia identificada é a autoconsciência diegética, evidenciada quando o narrador demonstra consciência de sua condição ficcional e da própria estrutura narrativa do romance. O texto reconhece-se como construção literária e questiona constantemente seus próprios limites. Essa característica pode ser observada nos trechos: "Já li este livro até o fim e acrescento alguma notícia neste começo" (Lispector, 2020, p. 20) e "Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras?" (Lispector, 2020, p. 13). A narrativa, portanto, transforma-se em um espaço de reflexão contínua sobre a escrita.

O narrador-autor postulado constitui outro elemento central da metaficção na obra. O autor não apenas narra, mas também se dissolve no processo de criação, percebendo-se

fragmentado pela própria escrita. Essa tensão entre criador e criatura aparece em trechos como: "Eu inventei Ângela porque preciso me inventar" (Lispector, 2020, p. 32) e "Estou tão assustado que o jeito de entrar nesta escritura tem que ser de repente, sem aviso prévio" (Lispector, 2020, p. 29). Dessa maneira, a obra problematiza a instabilidade da identidade autoral.

A fragmentação narrativa surge como um dos principais aspectos estruturais do romance. A narrativa é composta de fragmentos descontínuos, alternância de vozes e reflexões interrompidas, rompendo com a linearidade tradicional. Esse caráter fragmentário pode ser percebido nos trechos: "Minha vida é feita de fragmentos e assim acontece com Ângela" (Lispector, 2020, p. 19) e "Hoje está um dia de nada. Hoje é zero hora (…)" (Lispector, 2020, p. 11). Dessa forma, a estrutura da obra reflete a instabilidade da subjetividade e da própria experiência humana.

Por fim, a interpelação ao leitor rompe a "quarta parede" e transforma o leitor em participante ativo da narrativa. O Autor dialoga diretamente com quem lê, convidando-o a compartilhar das inquietações presentes no texto. Essa estratégia pode ser observada nos trechos: "Este livro é um pombo-correio. Eu escrevo para nada e para ninguém" (Lispector, 2020, p. 12) e "Quando acabardes este livro chorai por mim uma aleluia […] então esqueceis-me" (Lispector, 2020, p. 20). Assim, o leitor deixa de ocupar uma posição passiva e passa a colaborar na construção dos sentidos da obra.

Desse modo, *Um sopro de vida* ultrapassa os limites do romance tradicional e transforma-se uma profunda reflexão sobre a escrita, a subjetividade e a própria criação literária. Ao dissolver as fronteiras entre autor, personagem e leitor, Clarice Lispector constrói uma narrativa marcada pela instabilidade, pela autorreflexão e pelo constante questionamento da ficção.

Estratégias metaficcionais no romance *A audácia dessa mulher*, de Ana Maria Machado

Ana Maria Machado é uma das escritoras contemporâneas mais conceituadas no Brasil no que diz respeito à literatura infantil e juvenil, tem uma gama de obras carregadas de criatividade, crítica social, humor e experimentações narrativas. Nesse último, a autora se caracteriza pela subversão a estruturas clássicas da literatura em muitas de suas histórias.

A audácia dessa mulher, trata-se de um romance contemporâneo publicado em 1999 e premiado pela Biblioteca Nacional com o prêmio Machado de Assis no mesmo ano. A obra desenvolve inicialmente uma relação romântica entre os personagens Bia e Virgílio. Relação que ganha relevo narrativo nos primeiros capítulos, para, em seguida, coadjuvar a força das personagens femininas, Bia e outras personagens mulheres. Ana Maria Machado emprega frequentemente no enredo procedimentos metaficcionais, ocasionando, por diversas vezes, um rompimento com a "barreira ficcional" presente em obras literárias e em outros ramos artísticos.

Em *A audácia dessa mulher*, a noção autoconsciente de uma diegese na narrativa, gerada através do uso desses procedimentos metaficcionais durante a escrita da autora Ana Maria Machado, ocasiona em uma interrupção com normas padrões que a escrita literária regularmente segue. A partir disso, o autor toma papel mais ativo na obra, não se referindo somente à produção criativa, mas expondo o próprio processo e convocando o leitor quando necessário.

Ana Maria Machado incorpora a "metanarração" (Neumann e Nünning, 2022, p.2) como um dos procedimentos iniciais na história. A autora utiliza dessa estratégia não só para uma apresentação e a afirmativa de que sua presença durante a estória seria frequente, mas também enuncia os procedimentos metaficcionais que estariam ali, não por um capricho da autora durante a escrita, mas por consequência da época e evolução que a literatura encarou, seria algo existente e inevitável. Esse procedimento nos é apresentado no trecho:

> "Perdoe-nos a amável leitora ou gentil leitor, mas as convenções que regem a feitura de um romance em nossa época diferem grandemente das vigentes no século XIX,

> que permitiam a um narrador externo, no momento da escrita, esta conversa direta com quem iria passar os olhos pela futura página impressa". (Machado, 1999, p.21)

E podemos exemplificar mais da voz responsável pela produção no trecho: "[...] a esses leitores, não peço que fiquem nem prometo mudar de rumo. Aceito que nossas escolhas são diversas e não tenho qualquer pretensão de me esforçar para retê-los" (Machado, 1999, p.172-173). Dessa forma, a metanarração ocorre na escrita convocando o leitor a um contato direto.

Para manter o alcance de uma consciência do ficcional no romance, *A audácia dessa mulher* se vale do espelhamento narrativo, que se realiza, principalmente, por meio da intertextualidade e da escrita em abismo, o *mise en abyme*. Ana Maria Machado constrói parte de sua narrativa com a utilização da intertextualidade, seja por meio da sua voz enquanto autora manipuladora, seja através da personagem Bia. Tem-se o seguinte trecho como exemplo, em que a autora, por meio de um diálogo envolvendo Bia, cita seis autores clássicos do eixo nacional: "Não precisa ler um monte... Lê só Machado de Assis, no máximo, Alencar, se der... São os que mais escreveram diretamente sobre o Rio nessa época. E Aluísio de Azevedo, claro" (Machado, 1999, p.72). A autora, por meio dessa estratégia, a intertextualidade, compõe um corpus de leituras literárias extenso e revelador da erudição de sua personagem Bia. São citados, entre outros, Gustave Flaubert, Henry James, Virgínia Woolf e mais.

Ainda no âmbito da escrita em abismo, foi possível encontrar um outro procedimento enquadrado na metaficção. É configurada uma dobra narrativa quando, sob a narrativa inicial uma outra vai tomando forma enquanto dialoga com a principal. As anotações manuscristas no diário vão se revelando mais que um intertexto literário com Machado de Assis, uma reescrita de próprio punho (mas ficcional) da história de Capitu, que, no romance machadiano *Dom Casmurro,* não teve como expressar-se ou defender-se das acusações de seu marido. A revelação não vem de maneira imediata para a personagem Bia, mas pode ser antecipada para o leitor que já tivera conhecimento da obra de Machado de Assis, pois, por diversas vezes, faz jogadas sugestivas sobre a verdadeira identidade da autora do diário, como no trecho: "Na verdade, porém, sei que outra é a causa de me doer a cabeça. É tudo culpa daquela beata papa-missas da mãe de B" (Machado, 1999, p.86). Até o momento que a revelação é de fato feita por parte da perspectiva de Bia: "- Capitu?! Meu Deus!" (Machado, 1999, p.180). Entendemos então que a autorreflexão narrativa gera a (re)duplicação d'*A audácia dessa mulher*, desdobrada em mais duas histórias em relação também a uma exterior, inserida nela, a da personagem Capitu, do romance *Dom Casmurro*.

Assim, tal como em *Um sopro de vida*, os limites ficcionais presentes em romances mais tradicionais são ultrapassados por meio de três ocorrências metaficcionais aqui. Com isso, a autora alcança uma maior liberdade em sua escrita, enquanto ativa a participação do leitor que passa a ter acesso aos bastidores do processo de criação do romance, entendendo perspectivas da autora e todo o arcabouço utilizado para a produção.

CONCLUSÃO

Diante disso, a pesquisa que buscou investigar estratégias metaficcionais presentes nos romances *Um sopro de vida* e *A audácia dessa mulher* apresentou resultados favoráveis para a confirmação da manifestação desse tipo de escrita nas narrativas analisadas. As duas obras configuram procedimentos semelhantes em sua estrutura. Tanto na obra de Clarice Lispector, quanto na de Ana Maria Machado são percebidas, como recursos da metaficção, autoconsciência diegética e a constante interpelação ao leitor, as quais acentuam a participação ativa do indivíduo que se ocupará das narrativas. Destacam-se também nos romances, o empreendimento em descortinar o fluxo de criação experienciado pelo autor/narrador na construção de suas personagens, de modo que a própria narrativa tem seus bastidores expostos e, por conseguinte, reconhece sua ficcionalidade.

Clarice Lispector, em *Um sopro de vida*, consegue problematizar a conexão entre autor, narrador e personagem. Suas estratégias metaficcionais permitem à autora a formação de reflexões acerca desse processo de criação literária. A fragmentação e a falta de linearidade na estrutura da narrativa ampliam os campos de interpretação da obra clariciana, revelando que *Um sopro de vida* pode ser visto como um laboratório de experimentações narrativas de uma escrita que não apenas conta, mas também interroga. Clarice Lispector escreve essa obra de maneira que sua escrita crie um espiral em constante retorno voltada a si mesma, mas nunca do mesmo ponto, apresentando uma literatura que convoca o leitor a participar do seu pacto de incerteza.

Já em *A audácia dessa mulher*, de Ana Maria Machado, buscando esse rompimento de barreiras, alcança liberdade para a construção narrativa e formação dos personagens com maior autonomia para a autora. Na obra, Machado rompe com uma tradição de distanciamento narrador x leitor, quando retoma, via comentários e críticas, sua escrita e as expectativas que pode provocar nos seus leitores. Por fim, consegue elaborar um novo papel para a personagem feminina, atualizando-a ao seu tempo, às novas demandas e à busca pela liberdade. Com isso, rompeu com alguns dos tradicionalismos arraigados no campo literário, seja construindo personagens femininas livres, seja reescrevendo e garantindo voz a uma personagem que fora impedida de manifestar sua própria fala.

Portanto, as estratégias metaficcionais encontradas geram um fenômeno literário que abre portas tanto para quem escreve, quanto para quem lê. Abrindo possibilidades de criar personagens ou vozes que carregam incertezas e possibilidades que, em uma escrita tradicional, não podem ser alcançadas ou questionadas como em uma escrita metaficcional.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) pelo apoio à realização desta pesquisa. À Profa. Dra. Maria Iranilde Almeida Costa Pinheiro, nossa orientadora, agradecemos pelo suporte, pelas contribuições teóricas e pelo acompanhamento durante todo o desenvolvimento do trabalho.

REFERÊNCIAS

ALAGÔA, Alexandre. A "mise en abyme". Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/25514645/A_mise_en_abyme_. Acesso em: 15 mai. 2025.

ALMEIDA, Mariana Cristine de. **Vedere le donne affacciate alle finestre: formação, escrita e subjetividade feminina na tetralogia napolitana de Elena Ferrante**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ANDRADE, Maria Luzia Oliveira. A FRAGMENTAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO: UM ARTIFÍCIO DA MEMÓRIA? **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão - SE, v. 4, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1099. Acesso em: 19 jun. 2025.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. (Coleção Debates, 24). São Paulo: Perspectiva, 2007.

COTA, Débora. **A fragmentação na narrativa contemporânea**: um passo mais além do literário. Ponta Grossa: Todapalavra, 2012.

BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

CEIA, Carlos. E-dicionário de Termos Literários, (verbete "mise em abyme" de autoria RITA, Annabela), 2010. disponível em https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mise-en-abyme- acessado em 24 abril 2024.

CRUZ, Vanessa Rita; CAMARGO, Flávio Pereira. A Metaficção na obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Revista *ECOS, [S. l.]*, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/654. Acesso em: 10 nov. 2024.

DE FARIAS, José Niraldo. Metalinguagem como repetição e diferença em Um sopro de vida, de Clarice Lispector. *Revista Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 43-44, p. 397–411, 2019. DOI: 10.28998/2317-9945.200943-44.397-411. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/7134. Acesso em: 05 out. 2024.

FARIA, Zênia de. **A metaficção revisitada**: uma introdução. **Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 237–251, 2012. DOI: 10.5216/sig.v24i1.18739. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sig/article/view/18739. Acesso em: 23 abr. 2024.

GENETTE, Gérard. **Narrative Discourse:** an essay in method. Ithaca: Cornell University Press, 1995.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadino e o público de literatura do século 19**. São Paulo: EDUSP/Nanquim Editorial, 2001.

HUTCHEON, Linda. **Narcissistic narrative:** the metafictional paradox. New York: London, Methuen, 1984.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MACIEIRA, Cássia. O *mise en abyme* em "O espelho", de Machado de Assis. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA UNIANDRADE, 10., 2018, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UNIANDRADE, 2018. p. 90-96. Disponível em: <https://uniandrade.br/seminario/wp-content/uploads/sites/2/2020/anais-versao-2018.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2024. NAVAS, Diana; RAMOS, Ana Margarida. *Textos que se (des) constroem: metaficção e*

PARISI, Leonardo; AZERÊDO, Genilda. Estratégias metaficcionais em dois contos de Edgar Allan Poe: a relação entre o leitor, o "Retrato", e a "Casa**". Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação,** Blumenau, v. 10, n. 1, p. 161-179, 2016

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TORRES, L. U. Metaficcionalidade em Um sopro de vida, de Clarice Lispector. Fronteira. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, *[S. l.]*, n. 23, p. 57–73, 2019. DOI: 10.23925/1983-4373.2019i23p57-73. Disponível em:https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/43134. Acesso em: 14 out 2024.

WAUGH, Patricia. **Metafiction: the theory and practice of self-conscious fiction**. London: Methuen, 1984.